

CHE KE ROPYÇA: OUVIR EM SONHO: A MUDANÇA DO TEKOKHA PARA A REDUÇÃO JESUÍTA NO TEKOKHA GUASU DO GUAYRÁ.

ADILSON MANFRIN¹

No início do século XVII na região do *tekoha Guasu doGuayrá* na América espanhola os Guarani estavam em crise, sofriam com as epidemias que geravam grande mortandade no contato com os não índios e desestruturava a organização social de base nuclear das famílias extensas. As narrativas Guarani missioneira trazem a produção de experiências de *Che Ke rapyça*: ouvir em sonho, que as mesmas evocam na vida dos Guarani e demonstram que em momentos de crise, pensaram o destino, a partir dos conhecimentos próprios, as estratégias de alianças. E, é o conhecimento e a ação do *Topehyi*: do sonho, que conduzem os Guarani para a tomada de decisões na mudança do *tekoha* para a redução jesuíta de *Nuestra Señora del Loreto del Pirapó*.

ÑE'EMBYKY: Pe ñepyrû aryvusu XVII PE Tekoha Guasu Guairagua jerere Tetã Guasu América Espanhagua umi Ava guarani ohasa asy, Oñandu karai mba'asy há heta omano. Ou rire umi karai tetã ambue pegua ombyai Ava reko tekoharupi. Umi Ava mombe'u karairupi omombe'u mba'éichapa PE Che kerajapysaka terã kerajapysaka upéa oñanduka PE teko Ava guaranipe há ohechauka PE jeiko asyjave oñamindu'u hagua PE henonderãre ikatupyryrupi há johaihu pavêguirupi. Pe arandurupive ha kera jehechaháicha Avakúerape ikatuhãguicha omoambue PE tekoha ombosa'ive terá opa hagua umi karai Señora Del Loreto Del Pirapopeguava.(Tradutora **Delmira de Almeida Peres indígena Ava Guarani do tekohaOcoy**).

Palavras-chave: História, Sonho, mudança, *tekoha*, Guarani.

CHE KE ROPYÇA: LISTENING IN A DREAM: MOVING FROM TEKOKHA TO THE JESUIT REDUCTION IN TEKOKHA GUASU OF GUAYRÁ.

In the early seventeenth century in the *tekoha Guasu of Guayrá* in Spanish America the native Guarani were in crisis, suffering from epidemics that generated great slaughter in contact with non-indigenous and changed the structure of the nuclear based social organization of the extended families. The missionary Guarani narratives bring the production of *Che Ke rapyça* experiences: to listen in a dream, that they evoke in the lives of the Guarani and demonstrate that in times of crisis, they thought their destinies using their own knowledge alliances strategies. And, it is the knowledge and action of *Topehyi*: from the dream, leading the Guarani to decision-making when moving from *tekoha* to the Jesuit reduction of *Nuestra Señora del Loreto del Pirapó*.

Keywords: History, Dream, change, *tekoha*, Guarani.

¹Ms. História, na Linha de Pesquisa de História Indígena pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Professor de História e Coordenador Regional da Educação Escolar Indígena/NRE/Foz do Iguaçu/SEED/PR.

CHE KE ROPYÇA: OUVIR EM SONHO: A MUDANÇA DO TEKOKA PARA A REDUÇÃO JESUÍTA NO TEKOKA GUASU DO GUAYRÁ.

A perspectiva da resistência indígena tem relação fundamental com as discussões que vinham sendo feitas no decorrer do séc. XX e no início do séc. XXI, demonstrando que os indígenas reagem diante das situações impostas pela sociedade vigente, buscando espaços de sobrevivência, enfrentando, diante do atual contexto social, o problema das desigualdades. Várias formas de resistência, como o xamanismo, a fuga para as matas, as guerras e a política de alianças, foram consideradas pelos historiadores como estratégias indígenas para continuarem freando o processo de aniquilamento da sua sociedade. Porém, a imagem do indígena que se veicula, além de ser extremamente negativa e preconceituosa, não o apresenta como sujeito de sua própria história, ou seja, “por má consciência e boas intenções, imperou durante muito tempo a noção de que os índios foram apenas vítimas do sistema mundial, vítimas de uma política e de práticas que lhes eram externas e que os destruíram.” (CUNHA: 1992,18) Essa visão deve ser modificada por pesquisadores e cidadãos comuns, permitindo e propiciando uma compreensão profunda do mundo Guarani, inclusive para que nos desvencilhemos de nossos preconceitos de historiadores e para narrarmos a história na perspectiva indígena.

Esses novos preceitos só se tornaram visíveis depois de um renovado diálogo entre a antropologia e a história, oferecendo novos métodos que permitem adentrar a própria visão de mundo e a cultura dos povos estudados através do sentido de usar narrativas, da forma como nomeiam e relacionam-se com um mundo considerados como formas legítimas com as quais podemos aprender.

A escrita da história dos povos ágrafos tem sido um desafio para o historiador desde o momento em que foi estabelecida, na sociedade ocidental, que o registro escrito é a principal fonte para a reconstituição do passado. Como se sabe, essa é a visão moderna de história e tem os seus fundamentos na civilização européia.

Este trabalho rompe com a tradição do xamã não índio. Não é mais uma crítica à tradição oral mas, em certo sentido, à tradição escrita e ao manto imposto pelo racismo epistemológico, ou seja, à historiografia que tradicionalmente negou a presença indígena na versão acadêmica da formação das sociedades que constituem a América do

Sul, especialmente o Brasil. Não é uma rejeição radical dos textos escritos porque deles se serve como fonte. Mas os textos não foram tomados como prova do que aconteceu verdadeiramente no passado. Eles forneceram as palavras como o *Topehyí*: o sonho por meio das quais fizemos uma incursão pelo mundo Guarani, pelas suas formas de relacionar-se com o mundo à sua volta, o qual chamamos de *tekoha*. Utilizo o termo *tekoha*, algumas vezes no sentido de mundo cultural do Guarani, diferentemente do seu uso geral na historiografia. Comumente utiliza-se este termo relacionado a um espaço delimitado cujo centro é um núcleo habitacional. Neste trabalho o termo *tekoha* refere-se, às vezes, a um espaço no qual pode haver mais de um destes núcleos, sendo entendido como espaço no qual o Guarani relaciona-se com o mundo e com os outros, para não enfatizar o aspecto geográfico. Os textos nos apresentam às narrativas Guarani que sobreviveram ao contato com o não índio, sendo evidências incontestáveis da continuidade e da auto-afirmação da cultura Guarani.

Descolonizar a história, consiste em perceber o sentido do *Topehyí* do sonho nesse encontro de culturas e historicidades diferentes, para compreender como os Guarani conduziram suas decisões com a chegada dos jesuítas no *tekoha* e o que levaram a mudança do *tekoha* para a redução jesuíta de *Nuestra Señora del Loreto del Pirapó*, no *tekoha guasu* no grande espaço cultural do mundo Guaranida região do *Guayrá* no período de 1610 a 1631. Montoya define o termo redução ou reduções da seguinte maneira “ainda que aqueles índios que viviam de acordo com seus costumes antigos em serras, campos, selvas e povoados, dos quais cada um contava de cinco a seis casas, já foram reduzidos por nosso esforço ou indústria a povoações grandes e transformados de gente rústica em cristão civilizados com a contínua pregação do evangelho” (1997, 18 – 9). Localizava-se, essa redução, no atual município de Itaguajé, na região norte do Estado do Paraná, Brasil.

Os Guarani tinham conhecimento da forma de agir dos jesuítas através dos trabalhos realizados pelos Padres Fields e Ortega, nas cidades de *Villa Rica del Espíritu Santo* e *Ciudad Real do Guayrá* por onde passaram tratando e batizando os doentes, no período de 1588 a 1600. (TECHO: 1897, 155 - 260)

Outro fator, que poderia ser considerado nessa aproximação com os jesuítas, seria o fato de que os Guarani, no período de contato, sofriam constantemente epidemias que não eram conhecidas na sua cultura. Portanto, poderia ser conveniente

aliar-se com o não índio que conhecesse o tratamento para essas doenças. Na perspectiva Guarani, a aliança poderia ser necessária no sentido de que as doenças dos não índios, somente eles poderiam curar. Daí, a necessidade de aliarem-se aos missioneiros, porque estes faziam parte do mundo do qual as enfermidades eram originárias e poderiam eliminá-las. Os jesuítas eram essas pessoas, e por isso, provocavam os interesses dos habitantes da terra. Podiam suprimir essas enfermidades que causavam a diminuição demográfica, que enfraqueciam cada vez mais os *tekoha*, pois gente doente significava impossibilidade de manter suas práticas agrícolas, a caça e outros meios de subsistência. As baixas populacionais dificultavam a manutenção das plantações novas e antigas, que exigiam um processo constante de conservação e limpeza. Pois as técnicas usadas para o cultivo, pelos indígenas, requeriam um bom número de braços no trabalho coletivo e, dependendo da localização das roças, era necessário o deslocamento a grandes distâncias. A doença desencadeava o seu abandono por não conseguirem mantê-las. A crise na cadeia produtiva gerava a fome, que agravava o processo epidemiológico. Sanar o problema era uma questão necessária e prioritária naquele momento que viviam os Guarani.

Essa situação gerava disputa entre os indígenas, e fazia com que os padres buscassem estratégias que agradassem os caciques que disputavam a sua instalação nos seus *tekoha*. Pode-se dizer que os padres percebiam que eram disputados e por isso procuraram negociar, convencendo-os de que as condições daquele *tekoha* não eram favoráveis porque ficavam distantes dos demais grupos e era melhor fundarem a redução num local mais centralizado, onde todos pudessem ser atendidos a qualquer momento. Apesar de recusarem a oferta dos indígenas, os padres que não queriam criar animosidades, procuraram estimular os do *Mbiaza* era um povo situado às margens do rio Paraná, para que, quando definissem o local do assentamento, viessem fazer parte da redução. Conseguiram acordar que os indígenas ficariam esperando o aviso para se incorporar onde os religiosos determinassem.

Essa tentativa consiste em perceber esse encontro de “culturas diferentes, historicidades diferentes” (SAHLINS: 1999, 14) para desconstruir uma relação historiográfica que, no ato de sua produção e geração, enfatiza apenas uma ação colonizadora. Melià (1991, 14 - 5) alerta que a história Guarani não pode ser elaborada sem uma referência à história colonial, mesmo que não seja mais que por contraste, e

pelos conflitos que com ela teve, porém não se limita a ela, e, aponta uma pista a ser seguida. O autor orienta para uma inversão, ou seja, construir a história na perspectiva dos Guarani, percebendo como eles solucionavam as situações de crise, diante dos problemas apresentados pelas mudanças planejadas pelos jesuítas. Pretende-se, ampliar a discussão e compreensão dessas relações, ao invés de continuar perfilando uma historiografia cristã, que apenas enfatiza e sintetiza a compreensão, em detrimento das conquistas realizadas pelos religiosos, que acabam suprimindo as decisões tomadas pelos indígenas, estabelecendo uma cortina para o historiador, a qual obscurece a verificação da continuidade cultural.

É necessário, pois, uma análise das fontes, sem perder de vista que a história Guarani será sempre a história de um povo sem escrita. É possível retratá-la à medida que se captura das fontes a presença de uma memória indígena que tem uma historicidade própria. A partir dessas considerações o aspecto a ser observado serão os sonhos que continuavam acontecendo em Loreto.

A investigação desse elemento leva a identificar como os Guarani compreendem e interpretam os sonhos. A partir de agora vou utilizar o recurso das abreviaturas. A sigla “T” refere-se ao *Tesoro de la Lengua Guarani* e a “B” ao *Bocabulário de la Lengua Guarani* para denominar a obra escrita pelo Padre Antônio Ruiz de Montoya.

Montoya levantou várias frases em que o vocábulo sonho aparece:

B: 401 “**Falar em sonhos.** *Cheque nee. Che quêramo anee*” B: 27 “**Farei com que sonhes comigo.** *Orombo que pohaihú cherehe ne. Ndeq poçai çúne ché hegui equihivabo.*”, “B:128 **Ocorrer, acontecer, realizar-se o sonho.** *Cheropehii çai.*”, “B: 125 **Ter desmaio, sonhar, ter visões, ver.** *Aquepoaihú.*”, “B: 139 **Pesadelo.** *Queraçe.*”, “**Causa-me pesadelos, delírio, alucinações, sonhos** *Chemoque raçe mbae.*”, “B: 199 **Coisa sonhada.** *Mbae que peguàra.Mbae que poaihú haguèra.*”, “**Levantar-se sonhando.** *Chequeraí gui puábo.*”, “**Recordar,sonhar.** *Chegue poaihú. Aque poçaiçú. Que.*”, “B: 201 **Sonho.** *Topehî.*”, “**Sonho com pesadelo.** *Chequerãce. Che que raçi.*”, “**Sonho ligeiro.** *Querá piçá. Aquera piçá. Aque apirú.*”, “**Sonho pesado, profundo.** *Queraná. Querapiçá ey. Quepiru ey.*”, “**Ter sonho.** *Cheropehî. Chequebibí. Cheque çé. Nacheropehî cirigi.*”, “**Vencer em sonho.** *Acheropihî çai. Acheropehî poari. Poboí. Cheropehî çiri.*”, “**Fui vencido no sonho.** *Topehî chereyti.Chererecó aí. Chembo aguiye. Che re roá. Nachemo maé. Nachemoyngo çéri.*”, “**Ter bons sonhos.** *Aque poaihu catúpiri.*”, “**Acreditar nos sonhos.** *Chequepe guáre aróbià.*”, “**Sonhos maus.** *Quepoaihú pochi. Aí. Angaipá.*”

O vocabulário Guarani, os termos vinculados ao sonho, nos oferecem uma chave importantíssima para entrarmos no mundo da cultura e da história Guarani. Melià,

levantou vários vocábulos relativos ao sonho “*Ke*: ato de dormir; *Oromboke poayhu cherehene*: farei com que você sonhe comigo; *Che Ke rapyça*: ouvir em sonho; *Che Kepe ahecha*: ver em sonho”. Portanto, as atividades de dormir são as de viver acordado. É fazer com que o outro sonhe comigo. É ouvir. É ver. Sonhar é viver, para o Guarani. É a atividade privilegiada para receber a reza, e a reza é a forma superior de conhecimento, força para a ação. O poder e o prestígio do Guarani estão na palavra, sobretudo, na palavra rezada ritualmente, e esta depende diretamente do sonho. A palavra é para o Guarani a sustentação de um ato, um ato causado pela palavra; quem faz palavra, faz coisas, faz com que coisas aconteçam, faz, enfim, história. Sonhar é dizer. Eis a história Guarani. (1988, 12)

Os Guarani sonharam a mudança de *tekoha*, conforme o relato abaixo:

Hás de saber que, ainda que tenhas pedido que eu me mudasse a este povo, não estive com vontade de fazê-lo, porque julguei uma desonra minha ajuntar-me a outro povo, visto termos, meus antepassados e eu, o nosso à parte! Mas nesta noite, quando apenas havia fechado os olhos para dormir, despertou-me uma voz dizendo-me: Muda-te, faz o que te manda o padre! Despertei e não vi a ninguém, apesar de haver luz em meu aposento. Aconteceu-me o mesmo segunda e terceira vez. Tive medo de que, se não o fizesse, Deus me tiraria à vida. E assim de imediato, embora já fosse meia noite, chamei a minha gente e, informando-a a respeito do que me tinha ocorrido, mandei-lhe que logo, pontualmente, saíssemos com ferramentas de machados, para roçarmos aquele lugar que me assinalaste. Ao mesmo tempo fiz destelhar parte da minha casa e trazer pelo rio aquela porção de material, para que nesta mesma noite me arrumassem algum alojamento ou tenda, em que pude descansar. Durante esta noite meus vassalos derrubaram um bom pedaço de mato, para construírem as suas casas e a minha, pois tenho a vontade de não mais voltar ao posto abandonado, nem deixar a este. Venho avisar-te que estejas despreocupado, e gostaria que fôssemos ver o que nesta noite se fez trabalhando. (MONTROYA: 1997, 74)

Os sonhos representam um instrumento para responder às situações da realidade, funcionando não só na forma de revelações, mas como conhecimento e ação. A transferência do local só se realizou mediante a confirmação desse conhecimento, que contribuiu para que realizassem o deslocamento espacial de “cerca de dois mil índios e mais de cinco mil pessoas” (MCA I.: 1951, 155), das aldeias vizinhas, para se fixarem junto aos padres na aldeia do *Pirapó*.

Perceber os sonhos como conhecimento e ação significa entrar na cultura Guarani, na qual o *Topehyinã* é concebido como em nossa cultura. Podemos dizer que, para nós não indígenas, o sonho se dá como manifestação do desejo, enquanto estamos

acordados. Quando dormimos, é a expressão confusa de nossos desejos e frustrações. Portanto, para nós, o sonho é uma manifestação da interioridade do sujeito. Se ele tiver alguma utilidade, exemplo, cura psicológica, é sobre o sujeito que deve retroagir.

Como se sabe, na cultura ocidental moderna pós-cartesiana o sujeito é concebido como algo separado da realidade e da natureza. Por exemplo: consideramos que somente os sujeitos falam, porque somente o ser humano pode conhecer o mundo racionalmente, e, portanto, saber do bem e do mal, do que deve ser feito ou não ser feito. Deve-se levar em conta que, conforme as crenças religiosas, há uma exceção no âmbito de comunicação, pois as divindades também se comunicam com o sujeito, mas em termos racionais as divindades falam por meio dos sujeitos, do sacerdote, e assim por diante.

Na cultura Guarani, no entanto, não há uma separação tão distinta entre a natureza e o sobrenatural. Dessa forma, os seres naturais podem falar. Kurt Nimuendaju apresenta um exemplo desses, referindo-se aos ritos de nomeação das crianças. Canta-se e dança-se a noite inteira, enquanto o pajé tenta ouvir a região do vento, a região dos animais, a região dos mortos, para saber de que região veio a criança. Conforme as vozes que ouve, dá o nome para o novo membro do grupo.

O *Topehyi* é equiparado ao transe, no qual se ouvem as vozes do mundo. É por esse motivo que, no depoimento colhido por Montoya, encontra-se “acordei e não vi ninguém, apesar de haver luz em meu aposento.” Logicamente que então não se tratava de uma pessoa, alguém que queria enganar o sujeito que sonhava. Como aconteceu três vezes o mesmo *Topehyi*, não restava dúvida de que era verdade. Algum espírito avisava da necessidade da mudança.

As práticas de conferir se não havia nenhum humano acordado e de esperar que acontecesse três vezes, para então considerá-lo como válido, parece comum nos relatos dos *Topehyi*. Isso indica que era uma espécie de prova de que o *Topehyiera* verdadeiro e caracteriza, a inversão da visão de mundo Guarani. Para o ocidental, a verdade está no mundo quando estamos acordados. Para o Guarani, a verdade manifesta-se quando todos estão dormindo.

Nesse sentido, o conhecimento e a ação do *Topehyi* do sonho que confirmava para os caciques e suas parcialidades para onde deveriam ir, no deslocamento para o lugar de onde encontrariam a *Yvy Marane'ỹ* a terra sem males, conduziram os Guarani

para ação de aliar-se com os jesuítas, interpretada a partir do *Topehýi* que possibilitou aos Guarani ouvir e ver a realidade, que confirmava ser a decisão tomada mudar como estratégia para continuarem freando o processo de aniquilamento da sua sociedade.

Assim, podemos considerar que a mudança do *tekoha* foi gerada pelo *Topehýi*, que expressa toda força do mundo Guarani contida nos conhecimentos próprios que subsidiava a resistência Guarani que demonstrava como que os indígenas reagiram diante das situações impostas pela ação da sociedade colonial nos *tekoha*, buscando espaços de sobrevivência. Encontrado naquele momento, na aliança com os jesuítas no encaminhamento para formação do *Tebi* “assentamento, local, lugar” da redução jesuíta de *Nuestra Señora del Loreto del Pirapó* na região do *tekoha Guasu do Guayrá*, realizado pelos Guarani no desencadeamento das crises estabelecidas e solucionadas pelo *Topehýi*.

BECKER, Ítala Irene Basile. *Lideranças indígenas no começo das reduções jesuíticas da província do Paraguay*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1992.

CABEZA DE VACA, Álvaro Nuñez. *Naufragios e comentários*. 3. ed. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1947.

CADOGAN, León. *Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbya-Guaraní del Guairá*. São Paulo: EDUSP, 1959.

CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY, CHILE Y TUCUMÁN, DE LA COMPAÑIA DE JESUS. 1609 - 1614, TOMO XIX, Buenos Aires, Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1927.

CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY, CHILE Y TUCUMÁN, DE LA COMPAÑIA DE JESUS. 1615 - 1637, TOMO XX, Buenos Aires, Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1929.

CERTEAU, Michel de. *A ocupação histórica*. In LE GOFF, Jacques, comp. *História novos problemas*; tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 21- 22.

CUNHA, Manuela C. da. *Histórias dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras: SMC: FAPESP, 1992.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 44.

LANGDON, E. Jean Matteson. *Xamanismo no Brasil novas perspectivas*. Florianópolis: UFSC, 1996.

LE GOFF, Jaques. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1895.

MCA Manuscritos da Coleção de Angelis. *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1549 – 1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Tomo I, 1951.

MCA Manuscritos da Coleção de Angelis. *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615 – 1641)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Tomo III, 1969.

MELIÁ, Bartomeu. *A linguagem de sonhos e visões na redução do índio Guarani*. In: Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco. Santa Rosa, 1988, p. 9 – 21.

_____. *Del guarani a la historia*. Correio Semanal, Assunción. 27.04.1991, p. 14 - 15.

_____. *El Guarani conquistado y reducido*. Assunción: Centro de Estudios Antropológicos/ Universidad Católica, 1986.

_____. *El Guarani: experiência religiosa*. Assunción: CEADUC-CEPAG, 1991.

_____ e NAGEL, Liane Maria. *Guaraníes y jesuitas – en tiempo de las Misiones, una bibliografía didáctica*. Santo Ângelo: URI, CCM; Assunción, CEPAG, 1995.

_____ e SAUL, Marcos Vinícios de Almeida e MURARO, Valmir Francisco. *O Guarani - uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo: Fundames, 1987.

MONIOT, Henri. *A história dos povos sem história*. In LE GOFF, Jacques, comp. História novos problemas; tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p.99-106.

MONTOYA, Pe. Antonio Ruiz de. *Conquista Espiritual – Feita pelos Religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Porto Alegre : Martins Livreiro, 1985.

_____. *Conquista Espiritual – Feita pelos Religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. 2. ed., Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

_____. *Arte vocabulário, Tesoro y Catecismo de la Lengua Guarani*. 2 tomos. Leipzig, B. G. Teubner, 1876.

_____. *Arte vocabulário, Tesoro y Catecismo de la Lengua Guarani*. 3 tomos. Leipzig, B. G. Teubner, 1876.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. 3. ed., São Paulo: EDUSP, 1974.

UNKEL, Curt Nimuendaju. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos apapocuva-guarani*. São Paulo: Hucitec – Editora da Universidade de São Paulo, 1987.